

# Estética da conectividade: apontamentos

Cleomar Rocha

Observar a cultura contemporânea, seus gostos e valoração de seu patrimônio material e imaterial, permite enxergar como índice de um tempo o acentuado gosto pela conectividade. Desde o amalgamento da indústria e do comércio, formando ecossistemas, passando pelo lastro econômico globalizado, até se chegar ao cotidiano das pessoas com seus smartphones e computadores, a inegável presença da tecnologia dá o tom da conexão exercida em ambientes micro, meso e macro. Das mais variadas faixas etárias e sociais, a presença dos aparelhos tecnológicos é não apenas inegável, mas quase impensável. No Brasil, pesquisas apontam que em 2016, para uma população de pouco mais de 206 milhões de habitantes, havia pouco mais que 244 milhões de celulares, alcançando impressionantes 118% de densidade na relação celulares/habitantes<sup>1</sup>.

Em 2015, 92,1% dos domicílios brasileiros acessaram a internet por meio do telefone celular, enquanto 70,1% dos domicílios o fizeram por meio do microcomputador. Em 2014, o acesso à internet alcançou 80,4% dos domicílios e se deu por meio do celular, que também foi predominante em relação ao uso do computador, que atingiu 76,6% dos domicílios<sup>2</sup>. Esses dados indicam que mobilidade e conectividade andam juntas, em uma perspectiva da vida conectada, independentemente do local em que a conexão se dá.

Esse traço da contemporaneidade, identificado como a eliminação do binômio on e off line, instaura um inquietante predomínio da

conectividade no cotidiano das pessoas. Em parques, escolas, bancos, metrô e quaisquer outros lugares, nas cidades e no campo, é provável que pessoas estejam verificando suas redes sociais e aplicativos de comunicação em seus smartphones. Essa perspectiva, engendrada no gosto da sociedade contemporânea, não elimina sequer atividades que demandam um quase isolamento, como em rituais religiosos, nas salas de cinema, nas salas de aula e até mesmo nos presídios. A presença dos aparelhos tecnológicos de comunicação assumem uma incidência tal, que é possível falar sobre uma onipresença da tecnologia, de igual modo como é possível falar sobre uma onipresença de personas nas redes (ROCHA; SANTAELLA, 2017).

A caracterização social em camadas informacionais aderentes ao mundo natural, pode ser melhor compreendida nos processos de digitalização e virtualização de documentos, saberes, comunicação e processos envolvendo toda a sorte da organização informacional social, como economia e relacionamentos. A tecnologia desmaterializou e desterritorializou a concretude dos documentos, da moeda, de objetos estéticos e das relações sociais, possibilitando que a sociedade contemporânea viva, efetivamente, o modelo social moldado pela ciência e por sua filha mais proeminente, a tecnologia.

Na cultura, a integração social experimenta modelos baseados nas relações mediadas pela tecnologia, em acessos a redes e

sites sociais. A comunicação se intensificou, adotando modelos assíncronos e imediatos, presenciais e remotos, experimentando o relativismo do espaço-tempo. Os deslocamentos pelo mundo, contudo, continuam em acelerado crescimento, alimentados pelas relações decorrentes da comunicação. O modelo massivo, que se mantém como prática social, inclusive na tecnologia, encontrou seu par no modelo pós-massivo, reinventando relações de todas as ordens. De produção e consumo de informação até a relação entre marcas e consumidores, os agora prosumidores buscam relacionarem com marcas e produtos, assumindo um gosto pautado pela experiência de consumo. Harvey, ainda nos anos 1990 já apontava esse modelo, que deixava o consumo baseado em posse para o consumo baseado em uso (HARVEY, 1992). Essa condição pós-moderna foi um exercício para a sociedade operar sobre novas perspectivas de gosto: a conectividade.

Em linha diacrônica, esse padrão estético deve parte de seu legado às estéticas de cunho objetivistas da primeira metade do século XX, desde a estética racional, definida pelo coeficiente de Birkhoff, passando pela estética informacional de Max Bense e Abraham Moles, até a estética cibernética de Frank e Franke, e por estéticas que operam na lógica das ações estéticas, como as estéticas do fluxo, a relacional e a endoestética. A mudança de foco de objetos para ações, do gosto centrado na experiência de contemplação para a experiência interativa, urge pela atualização do conceito mesmo de experiência, datada em Dewey (2010) e com perspectiva de atualização em Rocha (2014).

É exatamente na confluência das práticas sociais baseadas na conectividade que o gosto

instaurado pelas redes telemáticas e a consciência da conexão com o mundo sustentam uma nova perspectiva estética. Das cento e cinquenta olhadas diárias para os smartphones, até os dashboards das salas de situação que monitoram fluxos de todas as ordens, passando pelas redes e mídias sociais, pelos novos modelos de negócio surgidos pela conexão entre ofertantes e demandantes, a sociedade experimenta um gosto agudo e crescente pela conexão. Essa prática social é definidora de um programa de gosto, já lastreada, de alcance global, e que se estende para as mais diversas áreas, não se restringindo ao plano artístico, embora o englobe.

A estética da conectividade é mais que um estilo de época, é um registro indelével de gosto, tornado programa, verificável na derme social da contemporaneidade. No processo de absorção, já se verifica que esse gosto atravessa os tecidos sociais externos, fazendo ver que seus traços já podem ser identificados em camadas mais profundas, passando a compor o próprio DNA social contemporâneo.

Na arte, a conectividade se estabelece não apenas no uso da tecnologia telemática baseada em mediação, mas igualmente o faz entre humanos e não-humanos, entre cérebros e cérebros, entre agentes computacionais e as redes, em modelos tecnológicos como IoT e IoE (internet das coisas e internet de todas as coisas), até alcançar as sinapses tecnológicas (ROCHA, 2014). O Zeitgeist do século XXI já tem carne.

## Conectividade e os planos da experiência social

O sociólogo François Dubet (1994) nos apresenta uma noção de sociedade a partir da justaposição de três grandes tipos sistemas, a saber o sistema de integração, o sistema de competição e o sistema cultural. O primeiro se funda na noção de comunidade, o segundo na noção de mercado e o terceiro na noção de subjetivação. Grosseiramente, o sistema de integração é nacional, o de mercado é internacional e o cultural é individual. Esses três sistemas, base para a experiência social, sustentam três lógicas da ação: a integração, a estratégia e a subjetivação. Cada ator social, explica o sociólogo, adota necessariamente os três registros da ação que definem, simultaneamente, uma orientação visada pelo ator e uma maneira específica de conceber as relações com os outros.

Os princípios de Identidade, de Oposição e de Totalidade, ordenados a partir dos registros da experiência social, como prefere chamar Dubet, aponta firmemente para planos que, em seu conjunto, estruturam a própria noção de experiência social. Nesse sentido, ainda que se evidencie uma autonomia de cada uma das três lógicas da ação, é em sua justaposição que o conceito de experiência é regulado.

A lógica integradora, vinculada ao registro de Identidade, se constrói a partir da relação de oposição e vinculação. Na era da conectividade, antes da neutralidade comum da conexão de todos, como se poderia argumentar, a integração se dá a partir das noções externas sociais e temporais, qualificando a conectividade enquanto o processo atual e de pertencimento a atualidade. Em outros termos, a sociedade

conectada do conhecimento se distingue, temporalmente, de grupos anteriores. Nessa direção, somos todos digitais, como as sociedades anteriores não foram. Na lógica de integração, em que a cultura é definida por valores, a conectividade torna-se um valor emergente, sustentada por dados como os percentuais de acesso à Internet. Pesquisas apontam que o maior acesso provém de pessoas com mais tempo de estudo (com mais de 15 anos de estudo atinge 92,3%)<sup>3</sup>, estudantes (79,8%), pessoas que trabalham com educação, saúde e serviços sociais (87,1%), e pessoas de maior renda (acima de 10 salários mínimos o índice é de 92,1%). Os dados evidenciam maior conectividade de pessoas mais estudadas, de melhor renda e de vínculos sociais gerais, como no caso dos envolvidos com serviços sociais, saúde e educação. Esse lastro vincula a conectividade a valores específicos, seja de formação e informação, atualidade, pertença social e mesmo melhoria de renda. Os valores atribuídos à conectividade formam uma identidade integradora da sociedade, mesmo que regulada por franjas da consciência- aquilo que não está completamente claro à consciência.

Se é pela lógica de integração que nossa experiência social nos move a criar e manter perfis em redes sociais e a usar sistemas de comunicação, é pela lógica da estratégia que a conectividade se organiza em novos padrões de comportamento social, vinculados a atividades profissionais e empreendedoras, além da utilidade da mediação tecnológica para atividades laborais e outras, de modo a singularizar os perfis, em uma concorrência de mercado.

A lógica estratégica, aportada na busca pessoal pelo sucesso frente aos outros, tem força menor que a lógica de integração. Con-

tudo, tem conquistado cada vez mais espaço nas redes e sociais, a partir do impulso baseado em ser o primeiro a compartilhar e repercutir um determinado assunto. Na ânsia competitiva de ser o primeiro, a verificação de veracidade nem sempre é observada. As notícias falsas ganham espaço, sobremaneira, a partir dessa lógica de ação, pautada pelo capitalismo e pelo desejo de se sobressair.

Por outro lado, esse mesmo desejo de sucesso faz avançar um lado menos nefasto da concorrência: a inventividade e a criatividade. Resulta desse comportamento um impulso para a inovação, para a imaginação criadora e criativa. Lúdicos ou sérios, superficiais ou densos, os elementos surgidos pela lógica estratégica resulta em avanços sociais e na valorização da noção de estar conectado. Novamente aqui a conectividade torna-se valiosa, seja para repercutir o último assunto, seja para criar o próximo assunto ou negócio.

Por fim, a lógica da subjetivação observa o contexto da cultura, da identidade, da crença. Nessa lógica há um posicionamento social balizado pelo modo de enxergar o mundo, por sentido nele. A lógica da subjetivação inscreve o sujeito na cultura, alinhando-o pela criticidade ou engajamento, em conformidade com sua natureza social, suas posições. Nessa lógica, estar conectado é, simultaneamente, a possibilidade de exercer uma e outra posição, validando o estar conectado como meio que garante sua subjetividade.

Nessas três lógicas de ação repousam a base social para a estética da conectividade, ela mesma uma ação valorada pela perspectiva de integração, de estratégia e de subjetivação.

## Arte é conectividade: conclusões

Como se verifica, a estética da conectividade não tem lastro apenas na arte, produção artística em si, mas é um traço da cultura, um programa de gosto instaurado como prática social. Como elementos estético, contudo, é na arte que o gosto se consolida como um imanente no transcendente.

A arte interativa, por si, já é conectividade, ao estabelecer relações do interator com o sistema, em uma segunda interatividade (COUCHOT, 2003). A mediação, de que fala Plaza (2003), é um índice de gosto, já declamada em prosa, verso, forma e cor, além do movimento contínuo do interator, no afã da agência e da transformação (MURRAY, 2012).

O fazer artístico contemporâneo, ao se debruçar sobre a interatividade e as relações dadas nas redes de computadores, definem uma nova estratégia de gosto, consolidando a perspectiva de uma estética centrada na conexão, na conectividade.

É exatamente nesse gosto, que na arte alcança sua plenitude, que se funda a estética da conectividade. Traço inequívoco de uma contemporaneidade de conexões, mediações e tecnologias.

## Notas

<sup>1</sup> Fonte: Teleco Inteligência em Telecomunicações, 2017.

<sup>2</sup> Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016.

<sup>3</sup> Dados de pesquisa do IBGE, referentes ao Brasil. Disponível via URL <<http://agenciabrasil>.

ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-ce-lular-se-consolida-como-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-brasil>. Acesso em 25.mai.2017.

## Referências

- COUCHOT, Edmond; TRAMUS, Marie-Hélène e BRET, Michel. A segunda interatividade: em direção a novas práticas artísticas. Trad. Gilse Boscaro Muratore e Diana Domingues. In DOMINGES, Diana (org.). *Arte e vida no século XXI: Tecnologia, ciência e criatividade*. São Paulo: Unesp, 2003. Pp. 27-38.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUBET, François. *Sociologie de l'expérience*. Paris: Seuil, 1994.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola 1992.
- MURRAY, Janet. *Inventing the Medium: Principles of Interaction Design as a Cultural Practice*, Cambridge, MA: MIT Press, 2012.
- PLAZA, Julio. Autor obra recepção. In: *Concinnitas* n° 4, ano 4, março 2003. Pp. 6-34.
- ROCHA, Cleomar. *Pontes, janelas e peles: cultura, poéticas e perspectivas das interfaces*. Goiânia: FUNAPE: Media Lab / CIAR / UFG., 2014.
- ROCHA, Cleomar; SANTAELLA, Lucia (orgs.). *A onipresença dos jovens nas redes*. Goiânia: Media Lab / CIAR / UFG, 2017.